

# Desafios do Lixo

## Entrevista de Maurício Waldman para Paulo Fernando, de Com.Ciência Ambiental

Embora representem apenas 2,5% dos descartes do homem contemporâneo, antropólogo lembra que os resíduos domésticos são os mais impactantes ao meio ambiente.



Veterano do movimento ecológico brasileiro, o geógrafo Maurício Waldman lançou este mês **LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS** (Cortez Editora, 232 páginas). Nesta obra, o especialista aborda os principais aspectos socioambientais e técnicos dos resíduos sólidos produzidos diariamente por mais de seis bilhões de pessoas em todo o mundo.

Waldman, que foi assessor de Chico Mendes e já atuou na gestão pública como Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista e Secretário do Meio Ambiente em São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo, é atualmente professor-pesquisador junto ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (SP) - desenvolvendo projeto de pesquisa na área dos resíduos sólidos com financiamento do Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O lançamento do novo estudo do professor Maurício Waldman aconteceu durante a 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, onde o autor concedeu à Com.Ciência Ambiental a entrevista a seguir.

**CCA - Qual o principal objetivo do seu mais novo livro?**

**Maurício Waldman** – A ideia é discutir os aspectos sociais, técnicos e ambientais dos resíduos no Brasil e no Mundo. Apesar de o senso comum dizer que o grande monstro nessa área são os Estados Unidos, o Brasil gera 5,5% do lixo global, que soma 30 bilhões de toneladas. O país gera muito lixo se levarmos em conta que reúne 3,0% da população mundial e 3,5% do Produto Interno Bruto global. Portanto, vemos que há um desequilíbrio significativo.

**CCA – Quais desafios o Brasil enfrenta nessa área?**

**Maurício Waldman** – Alguns aspectos do lixo são comuns no Brasil e no resto do mundo. Grande parte do volume dos resíduos gerados é de responsabilidade da minoria da população. Essa é uma questão social vinculada a um modelo de consumo que precisa ser revisto, caso contrário o Planeta não vai suportar.

**CCA – Qual sua opinião sobre a recente aprovação da PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos?**

**Maurício Waldman** – Apesar de existirem ressalvas, eu considero a PNRS boa. É melhor você ter um marco regulatório do que não ter nada, ou seja, uma lei incompleta e falha é melhor do que lei nenhuma. O PNRS tem pontos a serem melhorados, pois não é uma lei que corresponde aquilo que seria uma questão de excelência. Se procurarmos no texto dessa política a palavra “reciclar”, ela aparece 16 vezes. Enquanto isso, a expressão “educação ambiental” só aparece três vezes. O correto deveria ser o oposto.



### **CCA – Como o Brasil está se comportando em relação à reciclagem?**

**Maurício Waldman** – A indústria tem elevado seus níveis de eficiência. Se compararmos a garrafa PET de hoje com a de 10 anos atrás, notaremos que antigamente, ela possuía uma base de plástico mais rígido, tinha rótulo colado e tampinha feita de plástico e de alumínio. Hoje, a garrafa PET é praticamente 100% PET. Então ficou mais fácil reciclar este tipo de embalagem, pois existem ganhos de eficiência. Há 15 anos, um quilo de alumínio produzia 64 latinhas. Hoje, com a redução da sua espessura, produzimos 74 unidades. Atualmente, o Brasil recicla 93% das latas do gênero, 50% do PET e 70% do papelão produzidos aqui. Entretanto, tais números, embora excelentes, mascaram outra realidade: o índice de exclusão social dos trabalhadores informais. Estes, até por não terem outra opção, saem catando latinha pelas ruas do país.

Em outras palavras: a reciclagem acontece, mas não por conta de um grau elevado de consciência ambiental. Por outro lado, tem gente dizendo que administrar o lixo é administrar o caos. Mas, se os catadores cessassem seu trabalho, as implicações deste fato seriam óbvias: o volume de lixo a ser gerenciado aumentaria em 14%; os aterros sanitários teriam sua vida útil diminuída; e pior, o chorume e o gás metano gerados descontroladamente ampliariam a contaminação da água e do ambiente em geral.

### **CCA – Aproveitar a energia dos aterros seria uma solução viável?**

**Maurício Waldman** – Poderia ser uma saída, mas o aterro é apenas uma das pontas da questão do lixo. O que precisamos fazer é repensar o modelo de consumo, de forma a reduzir, reutilizar e reciclar nosso lixo. Recorde-se que a reciclagem não é nossa salvação, e isto, em vista de que não é possível reciclar 100% do lixo. A reciclagem é um elemento na escala de procedimentos que ajuda a gerenciar com equilíbrio o resíduo na sua forma essencial. Entretanto, sozinha ela não dá conta do problema.

### **CCA – E o que fazer com essa sobra não reciclável?**

**Maurício Waldman** – A pior forma de tratar essa sobra é enviá-la para um lixão, o que inclusive, está proibido pelo Plano Nacional de Resíduos Sólidos. Mas como sabemos, aqui no Brasil existem leis que *pegam* e outras que *não pegam*. Para os municípios desprovidos de recursos, a legislação prevê que o governo federal doe recursos para resolver a questão da destinação final, pois aterro sanitário é obra de engenharia que demanda estudos geotécnicos, de impacto ambiental, coleta do chorume e gerenciamento do metano.

### **CCA – Quais cidades brasileiras são exemplo quando o assunto é gestão de resíduos sólidos?**

**Maurício Waldman** – Curitiba, Florianópolis e Niterói adotaram políticas exemplares de reciclagem. Os aterros de São Paulo funcionam relativamente bem, embora o sistema não. A questão é que o lixo está muito mal gerenciado. Ele segue para lixões ou para o que existe somente no Brasil: os chamados “aterros controlados”, que na realidade, não passam de lixões melhorados. A CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) diz que, na Grande São Paulo, 86% do lixo é gerenciado corretamente. Que ótimo! Porém, os 14% restantes que não são controlados adequadamente, correspondem a uma montanha de lixo igual à gerada por Salvador... Então em muitos casos o que temos pela frente são fantasias numéricas. É a mesma coisa quando se afirma que só 1% do lixo domiciliar é perigoso. Entretanto, 1% de 140 mil toneladas produzidas diariamente é muito! O Brasil tem que melhorar, e muito, a gestão dos resíduos. Deve existir mais aterro sanitário, mais coleta seletiva, mais ecopontos ....

### **CCA – Por falar em Ecopontos, a iniciativa privada está contribuindo com a reciclagem no Brasil?**

**Maurício Waldman** – Sim, tem contribuído. Quando se toca neste assunto, é inevitável que seja lembrado o trabalho desenvolvido pelo CEMPRE (Compromisso Empresarial para a Reciclagem) e pela ABRELPE (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais). Há também o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), órgão que é responsável pela PNSB - Pesquisa

Nacional de Saneamento Básico - que, no entanto, até o presente momento não foi divulgada, algo que poderia encontrar justificativa por estarmos em período eleitoral. Contudo, como o lixo se tornou um negócio, é natural que a iniciativa privada, através de entidades como o CEMPRE e a ABRELPE, passe a produzir dados que gozam, aliás, de enorme confiabilidade.



#### **CCA – E qual o nível da produção acadêmica brasileira voltada para os resíduos sólidos?**

**Maurício Waldman** – Essa é uma área na qual engenheiros e geógrafos têm se destacado. Nas ciências sociais, são os sociólogos e novamente os geógrafos, os profissionais que mais tem pesquisado. Porém, apesar de existirem inúmeras pesquisas, as avaliações não dão conta problema como um todo. A realidade do lixo no Brasil é enormemente complexa, variando de um estado para outro, de uma região para outra, de setor de atividade para outro e assim por diante. Por exemplo, se você pensar na agricultura familiar e no agro-negócio, estaremos diante de dois tipos distintos de lixo “rural”, perfazendo problemáticas de resíduos totalmente diferentes entre si.

#### **CCA – Quais setores econômicos produzem mais lixo?**

**Maurício Waldman** – Em primeiro lugar vem a agricultura; depois, a mineração; em seguida, a indústria, e por último, as residências. No entanto, recorde-se que os processos que antecedem a geração do lixo domiciliar estão ligados ao que as residências descartam. Portanto, para você pensar a questão do lixo tem que levar em consideração os rejeitos residenciais, que se posicionam como de suma importância.

#### **CCA – E quanto à logística reversa, como os setores produtivos têm se posicionado?**

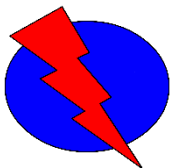
**Maurício Waldman** – Esse é um assunto muito polêmico, porque a adoção do sistema de logística reversa obrigaria a indústria a contribuir para a resolução do problema da destinação final, que surge após o fim da vida útil dos produtos fabricados no país. Entretanto, essa responsabilidade não é só do

empresariado. Exemplificando, o Brasil, por incrível que pareça, está importando PET para dar conta da indústria da reciclagem, porque o sistema de captação de lixo não consegue fornecer matéria prima para o setor. É surreal você pensar que o país importa PET quando 48% das embalagens desse tipo estão sendo jogadas no lixo. A questão da logística de coleta de resíduos é do Estado e este, não vem cumprindo o seu papel. Existem também setores empresariais que não querem assumir a logística reversa, pois no entendimento destes, a medida geraria ônus e não benefícios. No marketing verde, você coleta a pilha, diz que vai reciclar e não o faz. Tem muita gente fazendo *greenwashing* - isto é, “lavagem verde” numa tradução literal - e o papel do Estado tem sido ineficiente. Assim, muita coisa, portanto tem que mudar para uma gestão séria, justa e decente quanto aos resíduos sólidos.

#### **QUANDO CITADA, A ENTREVISTA DEVE ACATAR A INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:**

**WALDMAN, Maurício. *Desafios do Lixo*, Entrevista concedida ao jornalista Paulo Fernando em 12/08/2010, durante a 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Texto publicado na edição de Setembro/ 2010 da Revista Com.Ciência Ambiental.**

EDITORA KOTEV



Esta e outras entrevistas do Professor Maurício Waldman

Estão disponíveis na obra

FALANDO SOBRE LIXO (EDITORA KOTEV, 2016).

SAIBA MAIS:

<http://kotev.com.br/?product=falando-sobre-lixo>

